

A IMPORTÂNCIA DA DANÇA NA EDUCAÇÃO

JEANE VICENTE CARNAVALE

JOSÉ JAIRO VIEIRA

Faculdade de Educação/UFRJ – Rio de Janeiro - Brasil

1 - Introdução

Cada vez mais tem se discutido a respeito da linguagem corporal nas escolas. O corpo, portanto, é compreendido como elemento acessório no processo educativo, possibilitando a comunicação e a expressão do indivíduo. Porém infelizmente ocorre certa restrição do movimento corporal na escola. A idéia do movimento corporal é geralmente relacionada à disciplina. Portanto, durante as aulas os alunos devem permanecer imóveis, parecendo assim bem comportados. Deste modo, o aluno só fica livre a se expressar corporalmente durante as aulas de educação física. Mesmo nas aulas de artes onde o movimento corporal poderia ser explorado (através de teatro, por exemplo), observamos a predominância de atividades como desenho ou pintura, onde a criança permanece sentada para executá-las.

Devido ao desconhecimento do valor da dança por falta dos diretores de escolas e por parte de coordenadores pedagógicos, o ensino quando é dado ocorre de forma errada, sem nenhuma reflexão ou fundamentação, gerando ainda mais preconceito principalmente do corpo discente. Faltam profissionais especializados na área que proporcionem um trabalho crítico e consciente com o aluno.

Muitas pessoas desconhecem os benefícios da dança na escola. O trabalho com o corpo favorece a criatividade, promove autonomia corporal e intelectual, além de incentivar a socialização, cooperação e livre expressão do aluno. Ele começa a perceber o que ele se passa consigo e ao seu redor, construindo assim uma visão crítica do mundo.

Segundo Rudolf Laban (1990), a dança na educação tem por objetivo ajudar o ser humano a achar uma relação corporal com a totalidade da existência. Por isso, na escola, não se deve procurar a perfeição ou a execução de danças sensacionais, mas a possibilidade de conhecimento que a criatividade da dança traz ao aluno.

É importante ressaltar que a dança assume diversos significados pois exige um desenvolvimento pessoal de grande dimensão, sendo interpretada de formas diferentes e consequentemente assumindo significados próprios.

Autores como Artaxo, Rangel, Laban e Earp trazem definições de dança pertinentes ao presente estudo e que devem ser abordadas. Artaxo (2003) define dança como seqüência de gestos e de passos definida pelo ritmo musical executado. Esta mesma autora relaciona a dança e movimento ao complementar sua definição dizendo que a dança é encarada também como uma execução de movimentos que transmitem a informação necessária para desenvolver uma atividade. Rangel (2002) corrobora com esta visão dizendo que a dança possui vários enfoques e que estes se relacionam sempre com o movimento, traduzindo por meio deste sua relação com deuses, com o próximo e com a natureza. Para este autor, a dança também envolve o movimento de transcendência que se relaciona com a emoção, expressão e sentimentos. Envolve ainda símbolos, linguagem e comunicação, a interação entre os aspectos psico e fisiológicos, intelectuais, emocionais, tempo, espaço, ritmo, arte e educação. Para Laban (1978) a dança também está diretamente relacionada com o movimento visto que esta arte é a forma com que se cultiva até hoje a expressão visível do movimento. Estão inclusas aí desde a dança pura até as formas teatrais da dança (tais como o balé, a mímica e o drama-dança).

Por último podemos mencionar Earp (1980) quem diz que a dança é a capacidade de transformar qualquer movimento em arte. É também um instrumento que possibilita expressar emoções, desejos, frustrações, anseios, deslumbramentos e permite que os corpos se envolvam no ritmo e composição de seus movimentos.

Em suma, todas essas abordagens relacionam a dança com o movimento, seja ele mais explícito e perceptível aos olhos dos homens, seja ele mais discreto e presente em cada gesto cotidiano e portanto não tão perceptível aos sentidos humanos.

2 - A dança na escola

Segundo Andrade (2005), a dança tem sido vista no âmbito escolar, como instrumento para aliviar tensões, prevenção contra o stress, acalmar os educandos além de abranger apenas o campo da coordenação motora e de proporcionar experiências concretas com o todo que cerca o indivíduo.

Porém, ainda segundo a autora mencionada acima, a escola pode modificar este pensamento, fornecendo caracteres que permitirão uma criticidade, consciência e transformação do ato de construir por meio da dança a aprendizagem junto com os alunos, tornando-os participantes ativos no meio que estão inseridos. Para Rios (1985) uma educação crítica no campo da dança deve propiciar uma visão clara, ampla e profunda a qual não ignore o papel social, cultural e político do corpo em nossa sociedade e, portanto, da dança.

Andrade (2005) menciona que através do corpo, o indivíduo pode aprender questões referentes à origem do homem que objetiva sua função e qual o comportamento deve desempenhar diante das demandas sociais. Esta autora firma que conceitos, regras sobre gênero, etnia e classe social estão incorporados durante o processo ensino-aprendizagem, sem que vise a construção ou (re)produção. De acordo com os escritos desta autora, o corpo é um projeto comunitário em relação à forma, peso, postura e saúde.

Uma autora que explicita os benefícios da dança é Marques (1997). Para ela, o conhecimento direto da dança permite que sejam elaborados tipos diferentes de percepção e crítica, o que abrange a dança e suas relações com cada indivíduo e com o mundo. A dança apresenta também benefícios mentais conquistados em sua plena realização tais como atenção, memória, raciocínio e imaginação. Estas faculdades mentais, quando desenvolvidas e utilizadas, trazem benefícios para o estudo, o trabalho, amizade e lazer. Dentre os inúmeros benefícios de se praticar a dança, ainda podemos citar a melhoria das relações inter-pessoais, saúde mental e física, diminuição da ansiedade e do estresse. Freitas (2007) afirma também que fisicamente a dança proporciona a melhora do condicionamento cardiovascular, fortalece os músculos e protege assim os ossos. O cérebro aprende também a reconhecer e delimitar espaços, além de coordenar movimentos cada vez mais complexos de uma composição coreográfica. Também exige-se a ativação da memória e o “trabalho” dos neurônios além de poupar a coluna das lesões comuns aos sedentários. Também aprenderá respeitar compassos musicais, passos estipulados e libertará suas emoções. Assume-se aqui a dança como uma atividade em que a criança encontra a possibilidade de contar parte de sua história neste recorte da vida diária.

Outro autor que contribui a respeito deste mesmo tema é Silva (1999). Este autor explicita não somente os benefícios da dança, mas também desta atividade atrelada à educação formal dentro das escolas. Segundo ele utilizando a dança nas escolas é possível explorar a expressividade das crianças, de modo que, suas emoções, idéias e vontades sejam transmitidas através de seu corpo. Assim, a dança é encarada como uma proposta de resgate das potencialidades humanas inerentes ao movimento do corpo. O ensino da dança na escola passa a trabalhar em direção à cooperação e aos relacionamentos em vez de priorizar e valorizar a separação e o individualismo.

Muitas vezes ao falarmos de dança na escola, lembramos de datas comemorativas como festa junina ou danças folclóricas onde os professores são obrigados a criar coreografias repetitivas e os alunos são obrigados a executá-las de forma mecânica.

Porém, a dança no espaço escolar deve buscar o desenvolvimento não somente das habilidades motoras das crianças e dos adolescentes, mas também suas capacidades imaginativas e de cidadania.

O que importa não é exatamente qual a linha será seguida dentro da escola, mas sim a forma como será conduzida. Elementos devem ser analisados para o desenvolvimento integral do indivíduo na escola. As atividades devem ser feitas de modo que a criança exteriorize suas idéias e seus sentimentos.

Não devem ter modelos certos a serem seguidos. Cada um deve ter o direito de se expressar da forma que quiser, sem se preocupar com certo ou errado. A dança na escola não deve ser uma simples atividade de imitação, mas sim de criação. A competitividade também deve ser totalmente excluída nesse tipo de ação das crianças. O foco deve estar na participação e comunicação do aluno na escola.

O aprendizado da dança deve integrar o conhecimento intelectual e criativo dos alunos, desenvolvendo os pilares da educação:

- a. aprender a conhecer;
- b. aprender a fazer;
- c. aprender a viver juntos;
- d. aprender a ser. (DELORS, 2000).

Em certas instituições onde a dança foi incluída no currículo, diferenças significativas foram notadas nos alunos. Eles se tornaram mais participativos nas aulas (mesmo as que não eram de dança) assim como se socializaram mais em eventos promovidos pela escola. Uma explicação para isso seria que ir a escola se tornou um ato mais prazeroso desde que a dança foi introduzida no seu cotidiano. Já em adolescentes, nota-se uma preferência a danças de rua como o rap, funk ou break, porém do mesmo modo a dinâmica ocorre. Em alguns casos, jovens até largaram a criminalidade através dessas danças. Esse fato ocorreu pois a agressividade deles, foi canalizada nas coreografias.

Alguns professores que participaram de tais atividades, também mudaram suas posturas em sala de aula por perceberem que sua linguagem corporal era vista como modelo para seus educandos. Eles começaram a perceber que não adianta somente cobrar postura dos seus alunos: é necessário que eles também modifiquem suas posturas, independente da área que lecionam.

"Percebermos que os momentos mais profundamente emocionantes de nossas vidas em geral nos deixam sem palavras e que, em tais momentos, nossa postura corporal pode bem ter a capacidade de expressar algo que seria inexprimível de outro modo." (Laban, 1978: 55)

3 - Considerações finais

Diante do que foi lido no trabalho, percebe-se que introduzir a dança na educação é bastante interessante. Ela promove uma interação do indivíduo com o seu corpo e com a sociedade que está a sua volta. Infelizmente, tal assunto não é muito abordado nas universidades. Portanto, é necessário que os profissionais, tanto da área da Educação Física, educação Artística ou mesmo da Pedagogia busquem por si próprio modos de desenvolver tal atividade no seu trabalho. Além disso, devem levar em consideração aspectos que sejam mais ligados ao ambiente de seus alunos para que ocorra total desenvolvimento do mesmo.

Os diretores e coordenadores escolares por sua vez, devem introduzir de fato a dança no currículo da escola, respeitando-a como qualquer outra disciplina. Grande parte do preconceito existe, pois a dança muitas vezes é tratada como um passatempo quando na verdade ela tem o poder de transformar o indivíduo.

A perspectiva histórica da dança traz possibilidades de abrir horizontes para uma discussão maior: como viver o presente? Como projetar o futuro? Ou seja, o conhecimento da história propõe referências, patamares, solos concretos para problematizarmos, criticarmos e construirmos hoje uma dança que enlace relações com a cidadania contemporânea.

A educação necessita fazer parte deste enlace, pois propiciará a interdisciplinaridade entre o universo amplo e leve da dança com as disciplinas tidas como “duras” como matemática, física, química etc.

Percebe-se que o desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de educação física ou de artes, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou ainda objeto de programas de promoção de saúde ou lazer. Certamente áreas como educação física ou artes tematizam práticas humanas cuja expressão, em termos de linguagem, tem no corpo sua referência específica, como é o caso da dança.

A dança colaborará de forma a possibilitar novas maneiras de intervenção na educação das crianças, contribuindo para a problematização da visão antropocêntrica que promove o isolamento e a incomunicabilidade, capazes de deteriorar as formas de sociabilidade. Parte-se assim de uma educação pautada em valores que promovam a compreensão e a autonomia, uma educação preocupada com a vida, com o próprio corpo e com o corpo do outro, configurando possibilidades de novas formas de ser, de viver e de movimentar-se.

Por fim, será possível haver intervenções na educação de forma a problematizar concepções segregadoras de corpo, movimento, cultura e do próprio conhecimento. Difundirá uma educação que considere que o corpo é parte do mundo e numa relação ética e estética, que ultrapassa a racionalidade instrumental e as lógicas redutivas dos processos de construção do conhecimento.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Hebe D. de. **Matemática e dança: porque não?** Rio de Janeiro: 2005.

ARTAXO, Inês. MONTEIRO, Gizele de A. **Ritmo e Movimento**. São Paulo: Phorte, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.1996.

CHAGAS, Regiane de Ávila. *Dança, cultura e educação: em defesa da alegria na escola*, 2005.

FIAMONCIONI, Luciana. **Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética**. Santa Catarina: Revista Pensar a Prática 6, 2003.

FREITAS, Wanderson. **A criança e a dança**. Rio de Janeiro: Revista Rio Movimento, 2007.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LABRONNICI, Liliana M. POLAK, Ymiracy N. de S. **Corporeidade no cenário da clínica ortopédica**. Porto Alegre, v. 21. n. 2., 2000

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Revista Motriz, v.3.n.1, 1997.

VIANNA, Klauss. **A dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia; TIBURCIO, Larissa Kelly de O. M.. *A experiência do corpo na dança butô: indicadores para pensar a educação*. Revista educação e pesquisa. v. 30, n.3. São Paulo, 2004.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola – a importância da psicopedagogia nessa realidade**. São Paulo: Gente, 1999.

STRAZZACAPPA, Márcia. *A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola*. Cadernos Cedes. vol. 21. n. 53. Campinas, abr, 2001.

SCARPATO, Marta Thiago. *Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo*. Cad. CEDES., Campinas, v. 21, n. 53, 2001

SANTOS, Rosirene Campêlo dos; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves. *Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível*. Revista Pensar a prática: Revista da Pós-Graduação em Educação Física, Goiânia, v. 6, p. 107-116, jul./jun. 2003.

José Jairo Vieira
Rua Antonio Cordeiro, 126 bl01/501
Jacarepaguá – Rio de Janeiro –RJ
Cep: 22750-310
e-mail: Jairo.vieira@uol.com.br